

PMS
Emissão: 19/10/05
Data: 19/10/05
Local: 12
Assunto: Habitação



Paisagismo e belos exemplares arquitetônicos fazem do Campo Grande um objeto de desejo



Aglomerado de casas em Rio Sena, no subúrbio, resalta o crescimento caótico das invasões

O bairro do sonho de cada um

Quem pensa em se mudar prefere sítios urbanos que ofereçam serviços, ar puro e maior contato com a natureza

CLÁUDIO BANDEIRA

De 1991 a 2000, o Horto Florestal experimentou um crescimento populacional de 4,3%. No mesmo período, informa estatística da Secretaria Municipal de Planejamento, a ocupação do Bonfim e da Ribeira encolheu em 0,7%. Isso não significa exatamente que os moradores da península itapagipana tenham se mudado em peso para a Rua Waldemar Falcão, a principal do Horto, mas indica que, como a vida, a cidade é eternamente mutante.

"As pessoas têm de se mudar, procurar locais que atendam aos anseios individuais e familiares", explica o arquiteto Luiz Antunes Nery. Para ele, "é perda de tempo querer que os Barris e Nazaré fossem como há 40 anos". Quando a questão é "em que bairro você moraria se pudesse escolher?", as respostas são múltiplas, mas fincadas nos que as pessoas acreditam com sendo um passo para o

futuro, uma mudança de status".

Para quem vive as agruras de locais sem a mínima infra-estrutura, como no Subúrbio Ferroviário, não é difícil definir como "paradisíacas" as áreas consolidadas da velha Salvador, como o Campo Grande, Canela, Graça e Vitória. Já moradores de regiões "nobres" — quando não se dizem "satisfeitos" com seus próprios bairros, indicam o desejo de buscar lugares onde predominem o verde, espaços amplos, ar puro. Em resumo, um maior contato com a natureza.

"Quem não gostaria de morar num bairro desses?", pergunta o pedreiro Roberval de Jesus, 58 anos, referindo-se ao Campo Grande, onde trabalha. "É um lugar cheio de prédios bonitos e com uma praça sem igual na cidade", elogia, para depois revelar que não gosta do lugar onde mora, a Avenida San Martin. Por outro lado, as expectativas do corretor de seguros Dislon Campos, 35 anos, alçam vãos mais altos. "Gostaria de morar no Horto

Florestal. Um lugar que guarda uma fantástica área verde, assegura qualidade do ar e áreas de lazer. Não moraria em Nazaré", conta.

FRUSTRAÇÃO — A insatisfação do pedreiro Roberval reflete o estado de espírito de um significativa parcela dos moradores de locais de pouca ou nenhuma infra-estrutura que caracterizam quase 70% da área urbana de Salvador e que se espalham entre o Subúrbio Ferroviário e a BR-324. "A qualidade de vida dos bairros de uma cidade depende exclusivamente de decisão política", define Antunes Nery.

Por isso, classifica de "descuido" a degradação promovida pela ocupação informal ao longo do Subúrbio Ferroviário que escondem a plasticidade da Baía de Todos os Santos, "sítio privilegiado e rico em recursos naturais". Segundo ele, "a questão não é a pobreza que caracteriza o lugar, mas o descuido de planejamento de sucessivas administrações municipais que deixaram a área se transformar em um imenso pólo de moradia tomado pela miséria e violência".

A cidade é feita para seus habitantes e não para satisfazer o entendimento particular de grupos, define. "Por causa do excesso de paladinos, Salvador por pouco não ficou sobre palafitas", ironiza. Antunes Nery define que Salvador não cresceu, itchou, muito por causa de sua geografia em forma de cunha. "A cidade só possui dois vetores de crescimento, ou pela BR-324 ou pela Estrada do Coco, mas sempre em direção ao norte".

ALTOS E BAIXOS

Barris — O bairro se tornou vítima de políticas urbanas equivocadas que permitiram a construção de escolas, biblioteca e faculdades sem uma avaliação criteriosa do impacto sobre a qualidade de vida.

Campo Grande — A praça funciona como uma porta de entrada para bairros nobres da "cidade alta", como o Canela, Vitória e Graça. A requalificação do largo revalorizou o local que reúne uma grande variedade de serviços.

Horto Florestal

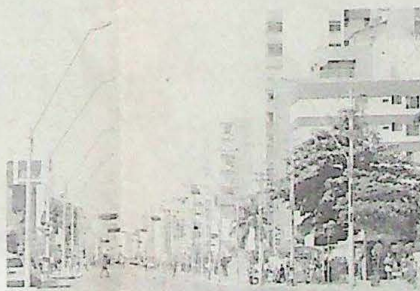
O Horto é cortado pela Rua Waldemar Falcão, um aglomerado urbano que alterna construções simples e espigões de luxo rodeados de Mata Atlântica. Sem carro é complicada a locomoção.

Ribeira — A Ribeira se transformou num point de farofeiros e exemplo do que equívocos administrativos podem provocar. O declínio teve início no final dos anos 70 com o êxodo de moradores acuada pela poluição originada nas chaminés da Samba.



San Martin — O visitante incauto que atravessa a moderna Avenida Luís Eduardo Magalhães não espera que vá desaguar numa avenida com aspecto de abandono, traduzido em passeios esburacados, fachadas de tijolo nu e amontoados de lixo.

Itapua — O lugar exibe uma atmosfera praiana, apesar do crescimento desordenado nos últimos anos. Seja como for, ainda é possível curtir um prazeroso fim de tarde no bairro imortalizado por Vinícius de Moraes.



Pituba — A concentração de espigões teve impacto direto no trânsito e no sentido de comunidade. Há quem goste, mas um significativo contingente de moradores sente falta de mais e melhores áreas verdes para o lazer.



Nordeste de Amaralina — Conglomerado de casas de no máximo dois pisos que se espalham caoticamente entre Amaralina e o Parque da Cidade. O local concentra uma significativa população pobre e que convive com a violência cotidiana.

Vitória escapou da decadência

O Campo Grande e, principalmente, o Corredor da Vitória escaparam da degradação que varreu o antigo centro de Salvador por causa da decisão empresarial de construir condomínios de luxo valorizados pela exuberante vegetação, evitando a pardieirização, avalia o arquiteto Antunes Nery. "Acredito que os incorporadores acertaram ao escolher para aquela área o modelo de prédios de alto nível, de baixa densidade, e conservando algu-

mas casas tradicionais", elogia. Ele considera que caso proliferassem prédios com 200, apartamentos o impacto no local seria alto, com uma média de 200 veículos por edifício.

Por outro lado, o arquiteto defende o projeto de Alphaville como modelo padrão para nortear a urbanização da Avenida Paralela. "Acredito que a baixa densidade e o respeito à legislação ambiental do empreendimento deva ser adotado em toda a re-

gião. O empreendimento prevê 247 lotes que contrastam com as três mil casas e as 60 mil pessoas do Bairro da Paz".

"Uma região tem crescimento inteligente quando o Estado é competente. Caso contrário, o resultado será o caos, posteriormente justificado por meio de desculpas, como o êxodo rural ou explosão da natalidade. Trata-se de uma cumplicidade com o atraso, pois as ações não são desenvolvidas com um propósito maior".

FALA POVO

Qual o seu bairro favorito e onde não moraria?



Humberto Faillace, 65, auditor aposentado
Morava na Paralela e me mudei para casa de uma filha, no Campo Grande, há pouco tempo. Aqui é um bairro com aspecto de bairro, com tudo que quero em termos de qualidade de vida. Não moraria em no Subúrbio, me sentiria deslocado.



Adilma Farias, 43, professora
Acho o Desterro um excelente bairro pois fica no centro da cidade e próximo a tudo. Não moraria no Subúrbio, longe de tudo, transporte difícil e sem infra-estrutura.



Francisco França, 43, ambulante
Acho que morar em Brotas é uma boa opção. É um lugar mais aliviado, sem a violência de outros bairros, além de ser perto do centro. Não viverei no Calabeteão, bairro distante de tudo e de transporte difícil.



Elza Oliveira, 46, professora
Sem dúvida, iria morar em Itapua, onde há o mar, ventilação, áreas verdes e serviços como feira pública, lojas e supermercado. Não iria para um lugar como Rio Sena (Subúrbio Ferroviário) que, como todos os bairros pobres, não recebem os cuidados dos poderes públicos.



Reginaldo Rosário Santos, 25, auxiliar de operações
Não tenho dúvida. Viria morar aqui no Campo Grande, onde há uma bonita área verde, as ruas são limpas e bem-cuidadas e a segurança não deixa a desejar como na Pituba, um bairro inseguro, sem ventilação, muitos prédios e trânsito confuso.



Zenaide Oliveira Figueiredo, 25, estudante
Gosto do centro e acho os Barris o local ideal para morar. Não falta nada, tem shoppings, igrejas e lojas por perto e também alguma tranquilidade. Não iria morar na Ribeira, um lugar longe e muito violento.